



PROPOSTA DE
LEITURA E ESTUDO



A figura do
Sentinela
na Palavra de Deus



Ministério de Pregação - RCCBRASIL



Renovação Carismática Católica
Brasil





PROPOSTA DE
LEITURA E ESTUDO

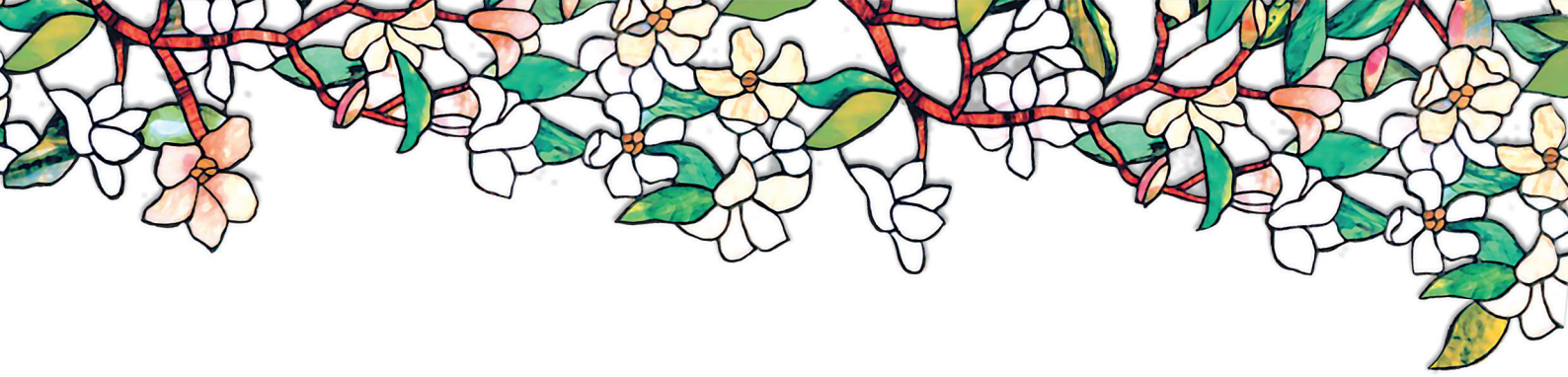


A figura do
Sentinela
na Palavra de Deus



Ministério de Pregação - RCCBRASIL





Sumário

• ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES	06
• A FIGURA DO SENTINELA NA PALAVRA DE DEUS	07
• ESTRUTURA LITERÁRIA DE EZ 3,16-21	09
• APLICAÇÕES TEOLÓGICAS	14
• APÊNDICE	16





A FIGURA DO SENTINELA NA PALAVRA DE DEUS



Amados irmãos pregadores e pregadoras do Brasil,
A Paz de Jesus!

Que Congresso maravilhoso o Senhor nos proporcionou, não foi?!

Enquanto pregadores que somos, sabemos que a Palavra de Deus é nosso alimento e precisamos a cada dia mais nos banquetear com ela.

Em nosso relacionamento cotidiano com a Palavra, quatro VERBOS devem sempre se fazer presentes:

1- **Conhecer**, a Palavra de Deus.

2- **Amar**, a Palavra de Deus.

3- **Viver**, a Palavra de Deus.

4- **Pregar**, a Palavra de Deus

Esse relacionamento fará com que obtenhamos a principal característica que precisamos: **SER UM PREGADOR BÍBLICO!** Se aceitarmos a proposta do Senhor para nós nesses tempos, a de sermos **SENTINELAS** na casa de Israel, prosseguiremos firmes em nossos estudos e partilhas sobre a Palavra.

Diante disto, encaminho nossa SEGUNDA **Proposta de LEITURA e REFLEXÃO sobre a FIGURA DO SENTINELA NA PALAVRA DE DEUS**, que vai ao encontro da moção que o Senhor deu à RCCBRASIL neste tempo.

Agradeço de todo meu coração, ao **Professor João Cláudio Rufino**, teólogo e biblista, membro do núcleo nacional do ministério de pregação, que é o autor deste estudo, pela gentileza em nos autorizar seu uso.

Esta é a segunda de uma série de propostas que faremos ao longo dos próximos anos.

Na certeza de ver todos os pregadores do Brasil se alimentando desta PALAVRA, envio um abraço fraterno.

Leandro Rabello
Coordenador Nacional do Ministério de Pregação RCCBRASIL

ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES:

- **1.** Em primeiro lugar vale ressaltar que esta é apenas uma proposta. Não é uma obrigatoriedade. Cada pregador (ou grupo de pregadores) pode discernir se deseja ou não realizá-la;
- **2.** Não há uma orientação única sobre como esta proposta se realizará pelo Brasil afóra. Em cada realidade, poderá ser feito um discernimento sobre como se fará. Ela pode ser feita reunindo os pregadores do mesmo grupo de oração, ou da mesma paróquia, ou da mesma cidade, região, vicariato, diocese etc. Deve ser feita de acordo com a realidade de cada local, inclusive por meios virtuais;
- **3.** Não há pré-requisitos para participar dela. Todos os pregadores podem ser convidados;
- **4.** Quanto à periodicidade dos encontros também pode ficar a critério de cada realidade. Sugiro que se organize de um modo que o maior número de pregadores possível possa participar;
- **5.** Uma boa sugestão é ler o estudo anteriormente e reunirem para ler o TEXTO BÍBLICO juntos. Deixar o Poder da Palavra, fundamentado nas informações sobre a figura do SENTINELA, tocar nos corações. Contudo, REPITO, é apenas uma SUGESTÃO!;
- **6.** Seria muito proveitoso cada pregador ter um “caderninho ou bloquinho” para anotar tudo que sentiu, rezou, percebeu durante sua leitura da carta e participação nas reuniões;
- **7.** Reitero que todos os tópicos acima são apenas sugestões e elas podem ser substituídas e adaptadas para cada realidade.
- **8.** Um pedido: que este estudo e leitura sejam feitos reunindo os pregadores e não cada um sozinho, por si... Será uma ótima oportunidade para nos enriquecermos com a partilha do outro.
- **9.** Caso encontrem no material alguma expressão que não conheçam, peço que busquem a informação com sacerdotes, dicionários bíblicos etc.

BOM ESTUDO!!!

QUE A BEATA ELENA GUERRA INTERCEDA POR NÓS!

A FIGURA DO SENTINELA NA PALAVRA DE DEUS

Análise e comentário de Ez 3,16-21: O PROFETA COMO SENTINELA João Claudio Rufino¹

Como uma das palavras de direcionamento da RCCBrasil, nesse tempo de presidência de Vinícius Simões, é o termo “sentinela”. O presente roteiro de estudo consiste numa análise exegético-teológica da perícopa de Ezequiel 3,16-21, para que todos os pregadores, em comunhão com o movimento, tendo base de conteúdo sólido e profundo, exerçam sua missão de guardiões da identidade e da unidade da RCC com eficácia, propagando a moção.

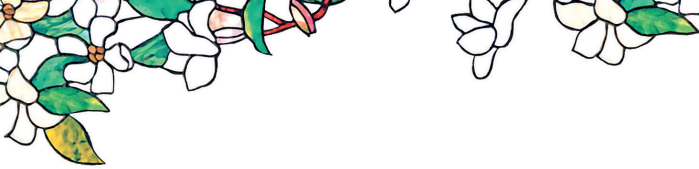
Em Ez 3,16-21, Ezequiel recebe suas primeiras instruções específicas para seu papel como profeta. Essa passagem e sua passagem paralela em Ez 33,1–20 formam suportes literários (chamados *inclusio*) em torno das profecias de Ezequiel antes do relato da queda de Jerusalém (33,21).

TEXTO E SEGMENTAÇÃO

Abaixo, apresento uma segmentação do texto de Ez 3,16-21 cuja tradução é a da Bíblia de Jerusalém:

- **16a)** Ora, no fim dos sete dias,
- **16b)** a palavra do Senhor foi me dirigida nestes termos:
- **17a)** Filho do homem,
- **17b)** eu te constitui sentinela para a casa de Israel.
- **17c)** Quando ouvires uma palavra da minha boca,
- **17d)** adverti-los-ás de minha parte.
- **18a)** Se digo ao ímpio:
- **18b)** “tu hás de morrer”
- **18c)** e tu não o advertires,
- **18d)** se não falares a fim de desviá-lo do seu caminho mau,
- **18e)** para que viva,
- **18f)** ele morrerá,
- **18g)** mas o seu sangue,
- **18h)** requerê-lo-ei da tua mão.
- **19a)** Por outro lado,
- **19b)** se tu advertires o ímpio,
- **19c)** mas ele não se arrepender do seu caminho mal,
- **19d)** morrerá na sua iniquidade,
- **19e)** mas tu terás salvo a tua vida.
- **20a)** Também se o justo se afastar da sua justiça,
- **20b)** praticando a injustiça,

1 Doutorando em Teologia Bíblica, Mestre em Teologia Bíblica, Graduado em Teologia e em Filosofia; Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP; coordenador da Reflexão Teológica, membro da Comissão de Formação e da Equipe do Ministério de Pregação da RCC Brasil.



- **20c)** e eu puser um tropeço diante dele
- **20d)** e ele vier a morrer,
- **20e)** porque não o advertiste,
- **20f)** morrerá certamente em virtude do seu pecado
- **20g)** e a justiça que praticou antes já não será lembrada,
- **20h)** mas o seu sangue eu o requererei da tua mão.
- **21a)** Por fim,
- **21b)** se tu advertiste o justo para que não pecasse
- **21c)** e ele pecou,
- **21d)** viverá porque deu ouvidos à advertência
- **21e)** e tu terás salvo a tua vida.



ESTRUTURA LITERÁRIA DE EZ 3,16-21

Ao observar pormenorizadamente a perícopes em questão, é possível encontrar uma estrutura literária muito bem articulada em blocos de paralelismo.

A	v.16	Introdução	16a) Ora, no fim dos sete dias, 16b) a palavra do Senhor foi me dirigida nestes termos:
B	v.17	Apresentação da missão do profeta	17a) Filho do homem, 17b) eu te constitui sentinela para a casa de Israel. 17c) Quando ouvires uma palavra da minha boca, 17d) adverti-los-ás de minha parte.
C	v.18	Advertência em relação ao ímpio e responsabilização do profeta, caso não cumpra sua missão	18a) Se digo ao ímpio : 18b) “tu hás de morrer” 18c) e tu não o advertires, 18d) se não falares a fim de desviá-lo do seu caminho mau, 18e) para que viva, 18f) ele morrerá , 18g) mas o seu sangue , 18h) requerê-lo-ei da tua mão .
D	v.19	Ao cumprir sua missão, o profeta já não é mais responsável pelas ações do ímpio.	19a) Por outro lado, 19b) se tu advertires o ímpio , 19c) mas ele não se arrepender do seu caminho mal, 19d) morrerá na sua iniquidade, 19e) mas tu terás salvo a tua vida .
C'	v.20	Advertência em relação ao justo e responsabilização do profeta, caso não cumpra sua missão	20a) Também se o justo se afastar da sua justiça, 20b) praticando a injustiça, 20c) e eu puser um tropeço diante dele 20d) e ele vier a morrer, 20e) porque não o advertiste, 20f) morrerá certamente em virtude do seu pecado 20g) e a justiça que praticou antes já não será lembrada, 20h) mas o seu sangue eu o requererei da tua mão .
D'	v.21	Ao cumprir sua missão, o profeta já não é mais responsável pelas ações do justo.	21a) Por fim, 21b) se tu advertiste o justo para que não pecasse 21c) e ele pecou, 21d) viverá porque deu ouvidos à advertência 21e) e tu terás salvo a tua vida .



COMENTÁRIO

16a) Ora, no fim dos sete dias,

Ao vincular cronologicamente o a perícopes do vigia à narrativa anterior, o aviso de abertura convida o leitor a interpretar todo o ministério do profeta à luz da narrativa de Ez 1-3,15. De fato, esse discurso pode explicar a seriedade com que Ezequiel seguiu seu chamado.

Por outro lado, a nota de tempo lembra o leitor da distância cronológica entre o discurso do vigia do Senhor e o comissionamento anterior. Ezequiel teve uma semana para se recuperar do choque de seu chamado para o serviço divino; agora ele deve estar pronto para outra experiência profética.

16b) a palavra do Senhor foi me dirigida nestes termos:

A introdução padrão do profeta às suas profecias aparece aqui, mais uma vez: “a palavra do Senhor foi me dirigida nestes termos”. Embora essa fórmula não seja exclusiva de Ezequiel, a frase é distinta em seu estilo. Ele a usa 49 vezes; comparativamente, Jeremias o usa 10 vezes e Zacarias o usa duas vezes.

17a) Filho do homem, 17b) eu te constitui sentinela para a casa de Israel.

Depois, de fazer referência ao profeta como “filho do homem”, o Senhor foi direto ao ponto: “eu te constitui como sentinela para a casa de Israel”. Ao colocar Ezequiel nesse serviço, faz-se, então, uma descrição de seu compromisso divino, porque a nomeação de uma sentinela, um cargo militar, era feita pela comunidade. Ezequiel, por sua vez, foi nomeado por um terceiro, o próprio Senhor.

A palavra hebraica usada aqui, “tsopheh”, refere-se a uma vigia ou sentinela cujo trabalho era advertir que um perigo se aproximava. O que chama atenção aqui é que o Senhor será apresentado como o inimigo. Muitos em Israel teriam achado essa noção chocante. O Deus de Israel é o perigo contra cuja chegada o povo deve ser avisado! Ele está vindo como juiz para proferir a sentença de morte ao seu povo. Assim, a imagem ilustra o papel do profeta de lembrar o povo do julgamento iminente de Deus, se eles não se arrependerem.

O substantivo “tsopheh” deriva de uma raiz comum que significa “olhar para fora, espiar, vigiar”. O papel do vigia na antiga estratégia defensiva do Oriente Próximo é melhor ilustrado pela parábola fornecida na íntegra em Ez33,1-6. As pessoas escolhidas para o serviço de sentinela eram geralmente colocadas em torres de vigia estrategicamente situadas nas muralhas da cidade, nos telhados das guaritas (cf. 2Sm 18,24) ou nas torres fora da cidade (cf. 2Rs 9,17). A acusação do vigia envolvia prestar muita atenção aos movimentos do inimigo. Diante de um ataque iminente, ele tocava o “shophar”, convocando os soldados para as armas e os civis para se protegerem (cf. Ez 33,3-6).



Esse chamado formal ao dever de sentinela é apropriado para Ezequiel, não apenas porque a tradição de se referir aos profetas como “videntes” que “olhavam” para as nações tinha uma longa história em Israel (cf. 1Sm 9,9), mas, principalmente, porque seu ministério, antes de 586 a.C., consistiria em grande parte em soar o alarme para seu próprio povo, sob ataque dos babilônios (cf. Ez7,1-27). No final, o aviso seria ignorado e Jerusalém cairia.

Ezequiel não foi o primeiro a definir o ofício profético em termos de sentinela. O profeta do século VIII a.C., Oseias, faz a identificação em 9,8 e faz alusão em 5,8 e 8,1, onde ele pede o toque da trombeta. Is 56,10, refere-se a sentinelas cegas, visionários que estão dormindo, presumivelmente, falsos ou profetas negligentes.

Porém, a descrição de Ezequiel tem a maior semelhança com Jr 6,17: “Eu constitui sentinelas para ti; preste atenção ao som da trombeta! Mas eles disseram: ‘Não prestaremos atenção’”. O contemporâneo de Ezequiel conscientemente tocou o alarme repetidamente para seu povo (cf. Jr 4,5.19.21; 6,1; 51,27).

A metáfora do sentinela, em outras imagens proféticas, tem um efeito poético (por exemplo, Is 21,6–9; Hab 2,1).

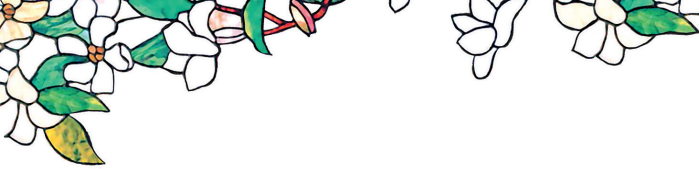
17c) Quando ouvires uma palavra da minha boca, 17d) adverti-los-ás de minha parte.18a) Se digo ao ímpio: 18b) “tu hás de morrer”18c) e tu não o advertires,18d) se não falares a fim de desviá-lo do seu caminho mau,18e) para que viva,18f) ele morrerá,18g) mas o seu sangue,18h) requerê-lo-ei da tua mão.

O padrão literário de v.17c-18h é conhecido como lei casuística e descreve o que acontecerá sob certas condições. Por exemplo, se A acontecer, B será a consequência. O formato é destacado em Ex 21–23 e Lv 19–20.

O fardo que Deus coloca sobre Ezequiel é apresentado por meio de quatro cenários hipotéticos. Os dois primeiros casos referem-se aos acusados como ímpios, um termo amplamente usado no Antigo Testamento para denotar “mau, criminoso, vilão”. As trinta e sete ocorrências dessa raiz hebraica, em Ezequiel, representam uma frequência mais alta do que em qualquer outro livro profético. Desses, mais de dois terços são encontrados nesta passagem e nos capítulos tematicamente relacionados (cf. Ez18 e 33).

Fundamentalmente, em Ezequiel, o “ímpio” (em hebraico, “rasha”) denota uma pessoa “iníqua”, alguém que despreza o Senhor, o Deus da aliança, e mostra essa atitude por violação voluntária das estipulações da Lei. Ele é parte da comunidade da aliança (essas advertências são dirigidas à “casa de Israel”, v.17), mas, na realidade, ele se colocou em oposição a ela.

Aqui, o primeiro caso envolve uma situação em que o Senhor encarrega o profeta de entregar à pessoa ímpia a sentença de morte legal que ele pronunciou: “tu és de morrer!” A forma da sentença é típica de veredictos declarados por uma autoridade judicial a um criminoso culpado de um crime capital. Embora a oportunidade de arrependimento pelo acusado seja mantida em outra parte do livro (cf. Ez14,6; 18,21, 30-32; 33,11), este primeiro caso não oferece nenhum indício dessa possibilidade. Isso é apropriado aqui, uma vez que a questão



não é primariamente o destino dos iníquos, mas a resposta do profeta à acusação divina. **E você não avisa.** O não envio da mensagem tornará Ezequiel responsável por sua morte, ou seja, culpado de assassinato, que de acordo com Gn 9,5–6 exige a pena de morte.

19a) Por outro lado, 19b) se tu advertires o ímpio, 19c) mas ele não se arrepender do seu caminho mal, 19d) morrerá na sua iniquidade, 19e) mas tu terás salvo a tua vida.

A responsabilidade de Ezequiel termina com o aviso proclamado. O profeta tem a mesma obrigação de advertir os ímpios a se arrependerem e os justos a não se perderem na iniquidade.

O caso 2 é idêntico ao caso 1, exceto que o profeta proferiu obedientemente a sentença de morte e seu aviso foi rejeitado. Enquanto o iníquo morre por sua iniquidade, a sentinela se absolveu da responsabilidade por sua morte. Ele pode, portanto, manter sua vida.

20a) Também se o justo se afastar da sua justiça, 20b) praticando a injustiça, 20c) e eu puser um tropeço diante dele 20d) e ele vier a morrer, 20e) porque não o advertiste, 20f) morrerá certamente em virtude do seu pecado 20g) e a justiça que praticou antes já não será lembrada, 20h) mas o seu sangue eu o requererei da tua mão.

O v.20 afirma que as consequências para o pecado são as mesmas, independentemente de uma pessoa ter vivido uma vida perversa ou uma vida justa (cf. Ez 3,20; Rm 6,23).

Ezequiel enfrentará consequências se ele não cumprir suas obrigações. Com base em frases semelhantes em 2Sm 4,11 e Gn 9,5-6, parece que o castigo de Ezequiel também será a morte. Se o seu fracasso em advertir é equiparado ao assassinato, a lei bíblica exigiria a pena de morte (cf. Ex 21,12; Lv 24,17; Nm 35,31–33). A única exceção permitida é o homicídio involuntário (cf. Ex 21,13).

A sequência de eventos é o foco aqui. O Senhor só coloca a pedra de tropeço depois que a pessoa justa já se voltou para a injustiça.

A ideia aqui é que um obstáculo figurativo bloqueia o caminho de uma pessoa rebelde. Simboliza o julgamento de Deus, mas nem sempre são colocados obstáculos por Deus. Eles podem ser algo que tenta uma pessoa a pecar, como ouro ou prata em Ezequiel 7,19. Os ídolos que Israel adorou são chamados de pedras de tropeço em 14,3–4; eles levaram Israel para longe do Senhor e para o pecado. Jeremias usa a mesma imagem do julgamento de Deus (cf. Jr 6,21) quando Israel não deu atenção ao aviso dos vigias (cf. Jr 6,17; compare Ez 3,17). O Novo Testamento apresenta o conceito de pedra de tropeço como algo que leva a pessoa a pecar (cf. 1Cor 8,9; Rm 11,9).



21a) Por fim, 21b) se tu advertiste o justo para que não pecasse 21c) e ele pecou, 21d) viverá porque deu ouvidos à advertência 21e) e tu terás salvo a tua vida.

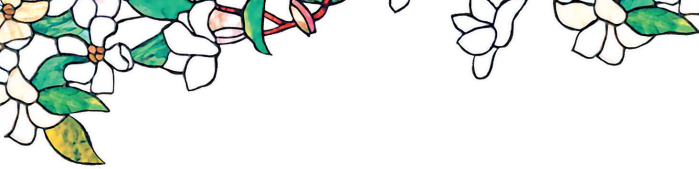
O caso 4 descreve o destino de uma pessoa contrariada e arrependida. A sentinela anunciou o perigo; o justo desviado seguiu o aviso e alcançou para si a sentença de vida. Quanto à sentinela, isso não é creditado em sua conta; a salvação de sua própria vida por ter sido fiel é recompensa suficiente.

O homem justo representa o oposto do ímpio. Isso é evidente não apenas no contexto atual, mas também na frequência com que essas duas palavras ocorrem como um par antitético no Antigo Testamento.

A distribuição deste termo no Antigo Testamento se assemelha ao de ímpio. A raiz hebraica “tsdk” representa a terminologia do tribunal judicial, relacionada especificamente à conformidade com normas estabelecidas, que para Israel foram definidas nas estipulações da aliança do Senhor (cf. 5,6). Assim como as ações de Deus em apoio ao relacionamento são chamadas de “atos justos” (cf. 1Sm12,7; Mq 6,5), a resposta obediente de Israel constituiu sua “justiça” (cf. Dt 24,13).

Se um ímpio é alguém que rejeitou a aliança e o Senhor da aliança, um justo é aquele que mantém o Senhor no mais alto respeito e expressa essa disposição por meio do cumprimento alegre das estipulações da aliança. O contraste será evidente nos casos hipotéticos apresentados na perícopes.





APLICAÇÕES TEOLÓGICAS

O discurso da sentinela do Senhor reforça e modifica vários temas que surgiram na visão inaugural e na narrativa de chamado.

Primeiro, aqueles que repudiam a aliança estão sob o julgamento de Deus. Enquanto a nomeação do profeta como sentinela da “casa de Israel” reforça o escopo corporativo desse princípio, anunciando sentença no ímpio no singular, a responsabilidade de cada pecador é enfatizada. Especialmente claras são as seguintes afirmações: “Ele, o iníquo, morrerá por causa de sua (própria) iniquidade” (v.18, 19), e “Por seu pecado [o justo que caiu], morrerá” (v. 20). Esta noção será tratada com muito mais detalhes em Ez 18, mas o leitor recebe um sinal antecipado de que um indivíduo não pode responsabilizar os outros por sua própria culpa. Embora o ministério de Ezequiel se preocupe principalmente com o destino da nação, a salvação de Israel depende da fidelidade da aliança de cidadãos individuais.

Segundo, o salário do pecado é a morte. O discurso de Deus dá expressão vigorosa ao princípio estabelecido em Gn 3 e afirmado por Paulo em Rm3,23. Embora Ezequiel seja designado sentinela, sua tarefa não é advertir sobre uma ameaça militar literal, mas entregar ao acusado a decisão legal que o Senhor determinou - a sentença de morte. Isso não é inesperado para os ímpios, que por definição se opõem à aliança e ao Senhor da aliança.

No entanto, o princípio é estendido a qualquer pessoa que troque uma vida de retidão por uma vida de pecado. Nesse contexto, a expressão “justo” não deve ser diluída para significar meramente “aqueles que parecem ser justos externamente”. O aviso é para os membros da autêntica comunidade da aliança, aqueles que no passado confiaram no Senhor e se submeteram ao seu senhorio. A declaração pressupõe que essas pessoas não sejam privadas de sua liberdade de escolher o caminho da morte. Eles podem abandonar sua justiça, praticar o mal, encontrar a pedra de tropeço que Deus coloca em seus caminhos e ser sentenciados à morte. Embora essa palavra seja principalmente para Ezequiel, ela estabelece a seriedade da perseverança na fé. Não é como se começa a corrida que conta, mas como se acaba. Onde a sentença de morte é pronunciada, o juiz divino tem responsabilidade pessoal e direta por sua aplicação.

Terceiro, a voz de uma sentinela simboliza a graça de Deus alcançando aqueles que estão sob a sentença de morte. Enquanto Ezequiel terá muito mais a dizer sobre esse tema no cap. 18, no momento, pode-se notar que, se a justiça anterior de um retrocedente não lhe será creditada se ele persistir no pecado, o mal anterior do pecador não será retido contra ele se ele se arrepender do erro do seu caminho. Afinal, Deus está do lado da vida, mesmo para os ímpios, ao invés de ter a intenção de morrer.

Quarto, este texto afirma acima de tudo que, com o privilégio de usar o manto do profeta, surge uma responsabilidade tremenda pela vida e morte das pessoas sob sua responsabilidade. Ser negligente no cumprimento do dever profético de alguém é um crime capital. O profeta deve tocar a trombeta não apenas quando Deus envia o sinal, mas como Deus dita. Sua mensagem pode não ser de sua própria imaginação ou de acordo com sua compreensão das necessidades do povo. Em última análise, é a avaliação de Deus da situação deles que os condenados precisam ouvir, não as opiniões míopes e panaceias de outros viajantes humanos. A mensagem de Deus é que o pecado e a iniquidade exigem uma receita radical:



arrependimento e se lançar totalmente à misericórdia de Deus. Que Deus fale nessa situação é um ato de graça.

Quinto, o mensageiro de Deus é chamado não ao sucesso de sua missão, mas à fidelidade. Este princípio, anunciado anteriormente na narrativa de chamado, é reiterado com força muito maior. Os padrões sentimentais de justiça objetam quando uma sentinela negligente é responsabilizada pela morte dos ímpios, mas não é creditada quando vidas são salvas por causa de sua fidelidade. Mas esse problema surge de um equívoco fundamental do papel do profeta. O chamado do profeta não é “salvar almas” (que é uma atividade de Deus), mas proclamar a mensagem que ele recebe do Divino Comissário. A fidelidade no serviço é medida não pela eficácia, mas pela fidelidade à ordem divina.

APÊNDICE: Roteiro de Estudo do Termo “Sentinela” na Bíblia.

As imagens de sentinela ou de guarda eram importantes no mundo antigo, e a Bíblia reflete isso em mais de 150 referências. Eles foram empregados em toda a região do Antigo Oriente Próximo por faraós egípcios (cf. Gn 37,6), reis babilônios (cf. Dn 2,14) e governantes israelitas (cf. 2Rs 11,4-6).

• Qual era o ofício da sentinela?

Uma sentinela consiste numa pessoa designada para a proteção de um indivíduo, governantes, seus bens, seus decretos, algum local ou coisas. Seu ofício exigia também que ele cuidasse para que os prisioneiros não fugissem (cf. Jr 32,2). Um exemplo de que essa parte de seu trabalho era muito séria é o carcereiro filipino que ia tirar a própria vida após um terremoto que fez com que os prisioneiros escapassem (cf. At 16,27).

• O termo sentinela em hebraico

Na língua hebraica, há diversos termos utilizados e que são traduzidos para o português por “sentinela” ou “guarda”. Aqui, estudarei apenas um: “shomer”.

Em hebraico, o substantivo sentinela ou guarda, em uma de suas variações, é “shomer”. O particípio hebraico “shomer” significa “vigia, guardião, sentinela”, em geral (cf. Is 21,11.12; 62,6; Jr 51,12; Sl 121,3–5; 127,1; 130,6). Geralmente, esse termo é especificado como o vigia que guarda um campo (cf. Jr 4,17), uma floresta (cf. Ne 2,8), uma casa (cf. Ecl 12,3) ou o harém (cf. Est 2,3.8.15). O “shomer” pode ser um guarda-costas (cf. 1Sm 28,2), um porteiro (cf. Ne 3,29) ou o guardião do vestiário (cf. 2Rs 22,14; 2Cr 34,22).

A base do particípio “shomer” (guarda ou sentinela) é o verbo “shamar” que, na raiz qal, o significado básico é “vigiar, guardar, observar, cumprir, manter, espiar”. As variações de significado e as diferentes nuances são fundamentalmente dependentes dos vários sujeitos e objetos, paralelismos e contextos.

O sujeito mais frequente de verbo “shamar” é um indivíduo ou coletivo humano. Os indivíduos comumente nomeados são os patriarcas, reis (especialmente Davi e Salomão) e funcionários da corte. O sujeito coletivo mais comum é o povo de Israel, especialmente, em Deuteronômio. Com menos frequência, os aronitas e os levitas funcionam como o sujeito em Levítico e Números. Deus ou um anjo também pode ser o sujeitos de “shamar”. No Saltério e na oração de dedicação de Salomão (cf. 1Rs 8; 2Cr 6), o sujeito mais comum é o Senhor Deus.

O objeto do verbo “shamar” (guardar, vigiar, observar, cumprir) pode ser qualquer coisa de valor no mundo material ou espiritual que deve ser guardado, mantido ou vigiado. Os guardas da cidade, os guardas reais e os guardas do templo merecem menção especial. Muitos guardas eram necessários para vigiar uma cidade, uma vez que as cidades eram os alvos mais importantes dos inimigos. Por exemplo, Joab vigia a cidade sitiado (cf. 1Sm 11,16), e Jorão defendia Ramot de Galaad do ataque de Hazael, o rei de Aram (cf. 2Rs 9,14). Em Ct 3,3 e em 5,7a, fala dos sentinelas, fazendo suas rondas e patrulhando as muralhas (cf. Ct 5,7b).

Os reis de Israel tinham seus próprios guardas. No início da monarquia, já aparece a “guarda pessoal” de Saul (cf. 1Sm 22,17), que constituem a escolta que precede a carruagem do rei, uma guarda real pessoal. Em 2Rs 11,4.19, eles são mencionados ao lado dos centuriões de caritas. Ambos os grupos ocupam o cargo de guarda do palácio em Jerusalém (cf. 2Rs 11,5). De acordo com 1Rs 14,27–28 e 2Cr 12,10–11, os “capitães da guarda” guardam a entrada do palácio real. O pessoal da guarda era tão numeroso que eles poderiam ser organizados em divisões de cem (cf. 2Rs 11,4-6.11.19), e eles tiveram um papel militar significativo. Em 2Rs 11, aparece o papel principal que desempenharam na deposição de Atalia e na entronização de Joás.

A expressão hebraica “shomeremishmeret”, que denota a guarda do palácio em 2Rs 11,5, refere-se principalmente aos oficiais (sacerdotes, levitas) que são encarregados dos deveres dentro do templo (cf. Nm 3,28.32; 31,30.47; Esd 40,45.46; 44,8.14). O substantivo “mishmeret” tornou-se um termo técnico para o ministério no santuário, na tenda da reunião ou no templo.

O substantivo “mishmar” também pode se referir a pessoas que vigiam a seção do templo separadas por uma cortina. A expressão “shomerehassaph”, “guardiões do limiar (da casa de Deus)”, refere-se a altos oficiais do templo (cf. 2Rs 23,4; 25,18; Jr. 52,24), a quem Joás nomeou para receber as contribuições do povo (cf. 2Rs 12,10). Esses guardiões do limiar, no período monárquico, não devem ser confundidos com os simples porteiros do período pós-exílico, como 2Cr 34,9 parece usar a mesma expressão “shomerehassaph”. Na opinião do cronista, os porteiros eram claramente levitas.

A maioria dos textos do Antigo Testamento usa o verbo “shamar” em contextos abstratos ou religiosos, ao se referir ao povo de Israel que deve “guardar” a aliança.

• No Antigo Testamento: Deus como o guarda

Deus serve como guarda para proteger seu povo (cf. Sl 25,20; 86,2; 91,11; 97,10; Pv 2,8).

No Antigo Testamento: os anjos como guardas

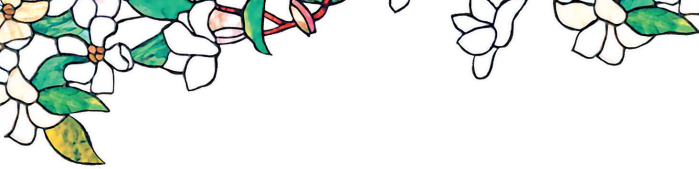
Os anjos serviram como guardas de Deus para proteger a entrada do Jardim do Éden (cf. Gn 3,24) e vigiar os israelitas no deserto (cf. Ex 23,20).

• No Novo Testamento

No Novo Testamento, havia um guarda ou sentinela designado para vigiar a sepultura de Jesus (cf. Mt 27,65), e Herodes Antipas tinha guarda-costas (cf. Mc 6,27).

• O termo guarda ou sentinela em grego

Em grego, existem vários termos pelos quais o hebraico “shomer” é traduzido, no Antigo Testamento, na versão grega da Septuaginta. O Novo Testamento utiliza esses termos.



No Novo Testamento, a palavra “koustodia” é usada para designar o grupo de soldados que guardavam o túmulo de Jesus (cf. Mt 27,65.66; 28,11). “Spekoulator”, outro termo utilizado, é uma palavra que pode significar “carrasco” e é usada para o guarda-costas de Herodes Antipas (cf. Mc 6,27). Existe outro termo, “phylax”; esse se refere às sentinelas (cf. At 5,23; 12,6.19), assim como a palavra relacionada “phylake” (cf. At 12,10). Por fim, há o termo “hyperetes” que tem o significado básico de “assistente”, mas em alguns contextos se refere aos guardas que comparecem a um tribunal (cf. Mt 5,25; 26,58; Mc 14,54.65; Jo 7,32.45; 18,3.12.22; 19,6; At 5,22.26).

• O simbolismo da sentinela

Em essência, um guarda simboliza proteção e vigilância. Além disso, um guarda também é uma imagem do poder. Este poder está localizado na autoridade que está sobre a guarda. Jeú, rei de Judá, ordenou que seus guardas matassem todos os adoradores de Baal, e isso foi feito (cf. 2Rs 10,25).

Essas imagens de proteção, vigilância e poder evocam sentimentos de profunda segurança para o crente que, como Paulo, confia em Deus para proteção. “Sei em quem acreditei e estou convencido de que ele é capaz de guardar o que lhe confiei naquele dia” (cf. 2Tm 1,12).

Um guarda também sugere inerentemente oposição. Sem um inimigo, não haveria necessidade de guardas. Os guardas humanos servem como pano de fundo físico para a oposição espiritual de Satanás a Deus e seu reino. Os cristãos, portanto, precisam se proteger do ataque de Satanás (cf. Ef 6,10-18; 1Pd 5,8).

Os usos metafóricos da imagem às vezes sugerem uma imagem quase psicológica da autodisciplina. O salmista, por exemplo, ora: “Guarda a minha boca, ó Senhor; vigia a porta dos meus lábios” (cf. Sl 141,3). Em Provérbios, lemos várias vezes sobre como o entendimento guardará a pessoa sábia (cf. Pv 2,11) e sobre a necessidade de guardar o entendimento (cf. Pv 4,13; 7,2), o coração da pessoa (cf. Pv 4,23), os lábios (cf. Pv 13,3), boca (cf. Pv 21,23) e alma (cf. Pv 22,5). Igualmente metafórica é a imagem de como “a justiça guarda o homem íntegro” (cf. Pv 13,6).





www.rccbrasil.org.br



*Transformai-vos
pela renovação
do vosso espírito*
(Rom 12,2)



**Renovação
Carismática
Católica
Brasil**

